

Santa Maria de Jetibá, um município em ascensão

REGINA RODRIGUES HEES

~~Publicado~~ no Departamento de História
da Ufes

O Município de Santa Maria de Jetibá, E. S. foi criado há dois anos, pela Lei nº. 4067 da Assembléia Legislativa Estadual, publicada no Diário Oficial da União do dia 10 de maio de 1988.

A comunidade teuto-capixaba do então Distrito de Jetibá foi o tema que escolhemos para a elaboração da nossa dissertação de Mestrado, defendida na Universidade de São Paulo, em dezembro de 1978. Desde então, temos procurado manter contato com a população local e acompanhamos de perto o processo de sua emancipação.

Esse núcleo colonial, que tem como base econômica a produção de hortigranjeiros, foi um dos que mais prosperaram, continuando, atualmente, em plena ascensão.

O escoamento da produção, quando fizemos nossas pesquisas de campo, era dificultado pela precariedade das estradas de rodagem, perdendo-se, em épocas de chuva, boa parte dos produtos, atirados literalmente aos porcos, como tivemos ocasião de testemunhar.

A atual estrada, ligando Santa Matia de Jetibá a Santa Leopoldina (33 km.), só foi construída na década de 50, tendo à frente do Governo Estadual Jones dos Santos Neves (1951-1954) e só em novembro de 1986, foi inaugurado o seu asfaltamento.

Até a década de 50, quem estivesse em Santa Maria e desejasse ir a Vitória através da estrada de rodagem, deveria em primeiro lugar, rumar até Alto Caldeirão, distante 11 km, através de estrada carroçável, construída por um particular, Frederi-

co Grülks. O tempo a ser gasto nesta primeira etapa era imprevisível, pois as condições da estrada variavam muito, de acordo com as chuvas. Em seguida, tomava-se a estrada estadual, que liga Itarana a Santa Teresa. Alto Caldeirão fica à margem dessa estrada, mais ou menos no seu início. Chegava-se a Santa Teresa, descia-se para Santa Leopoldina através de uma outra estrada, construída em 1918. De Santa Leopoldina rumava-se então para Vitória. Era uma viagem longa, chegando-se mesmo a andar para trás, pois não havia caminho direto. A duração do percurso ficava na dependência das chuvas e dos atoleiros.

Em outubro de 1986, foi concluído o trabalho do reasfaltamento dos 47 km que ligam Santa Leopoldina a Vitória.

As estradas vicinais têm recebido especial atenção do atual Prefeito de Santa Maria de Jetibá, Sr. Helmar Potratz, consciente da importância dessas pequenas estradas e caminhos para toda a comunidade. Há doze anos, com certa frequência, regiões ficavam isoladas, impedidas para o fluxo de veículos, devido à queda de pontes e pontilhões.

A dificuldade de comunicação foi um dos problemas enfrentados pelos colonos pomeranos, desde o início da colonização.

O isolamento geográfico a que ficaram relegados levou-os à preservação de seus costumes, da religião, da língua, e assim, o estudo dessa comunidade oferece aos sociólogos, linguistas e historiadores, grande variedade de temas.

A colonização alemã no Espírito Santo teve início em 1847, quando veio a primeira leva de imigrantes para o vale do Rio Jucu, a cerca de 30 km de Vitória. Eram ao todo 163 colonos que formavam 38 famílias, vindas de Hunsrück e do Hesse.

Em 1857, iniciava-se a colonização de Cachoeiro de Santa Leopoldina, com a chegada de 140 suíços. No ano seguinte, chegavam 222 pessoas de nacionalidades diversas: suíços, alemães, tirolezes, luxemburgueses e holandeses.

Nas pesquisas que fizemos no Arquivo Público Estadual, constatamos que os pomeranos vieram a partir de 1857, quando chegaram os 7 primeiros: Frederico Schmidt com a mulher e 3 filhos, e Carolina Gutknech com sua filha Joana. Em 1858 e 1859 chegariam algumas dezenas. Muitos vieram em 1869, mas a maior parte chegou em 1872 e 1873. O navio Guttemberg aportou em Vitória a 5 de junho de 1872, trazendo 252 pomeranos. Nesse mesmo ano, a 30 de junho, chegariam o Anne Helene, com 172 e a 07 de julho, o Maria Heydon II, com 140. Mas as maiores levadas viriam em 1873, nos navios Adolph (381 imigrantes), Doctor Barth (364) e Hainan (150). Ao todo conseguimos fazer o levantamento da entrada de 2.142 pomeranos no nosso Estado, mas existe a possibilidade de o número ser maior e de ter sido destruída ou extraviada a documentação correspondente. É claro que nem todos receberam terras que abrangem o atual Município de Santa Maria de Jetibá, mas podemos dizer que a maioria foi instalada nessa região e proximidades, pois é lá que vivem atualmente os seus descendentes, o que se pode constatar pelos sobrenomes das famílias. Temos também documentos que comprovam a localização dos imigrantes pomeranos no citado Município, como o mapa do loteamento da Colônia de Santa Leopoldina, que pode ser confrontado com a nu-

meração dos lotes de terras cedidos aos colonos.

Como já dissemos, desde o início da colonização, os pomeranos se ressentiram das dificuldades de comunicação. Instalados nos seus "prazos", numa região montanhosa, cuja altitude varia de 700 a 800m, quando precisavam ir às compras em Santa Leopoldina, situada a apenas 100 m de altitude, tinham que caminhar de 06 a 08 horas em picadas abertas no meio da mata escura, que mal podiam ter o nome de caminho, segundo o depoimento de um colono (Henrique Boldt), ao se referir às dificuldades atravessadas pelos seus antepassados. Pernoitavam em Santa Leopoldina e no outro dia iniciavam a caminhada montanha acima, com o enorme saco de compras às costas. Traziam não só o que haviam adquirido para a própria família, mas as encomendas dos vizinhos. Muitas vezes, era a mulher que se dispunha a fazer essa viagem, para que o marido não interrompesse a faina da lavoura.

Na correspondência entre os Diretores da Colônia de Santa Leopoldina e os Presidentes da Província do Espírito Santo, encontramos muitas alusões à falta de verbas para a abertura e conservação de caminhos e aos prejuízos causados pela queda de barreiras que interrompiam as comunicações. Essa correspondência refere-se também à necessidade de construção de muros de arrimo e de pontes, aos perigos oferecidos aos viajantes pelos precipícios e à estreiteza desses caminhos, cuja largura variava de cinco à dez palmos.

Já em 1860, as tropas de burro passaram a ser usadas para transporte de carga de Santa Maria para Santa Leopoldina, como pudemos constatar também em documentos encontrados no Arquivo Público do nosso Estado. O caminho que ligava Santa Maria a Santa Leopoldina continuava a oferecer muitos perigos em determinados trechos, apertados entre as montanhas e o rio Santa Maria. Em épocas de chuva, o perigo aumentava e não era raro um burro escorregar e cair no precipício com a carga e tudo, para prejuízo do tropeiro, segundo o depoimento do Sr. Reinaldo Berger, antigo morador da região, hoje já falecido. Mas nem todos os colonos podiam dispor de burros para transporte e continuavam a fazer o trajeto a pé.

Nas pesquisas que fizemos junto aos habitantes do Distrito de Jetibá, entrevistamos 300 famílias e 17,66% delas não dispunham de nenhum meio de transporte próprio, nem mesmo de um animal de sela ou de uma bicicleta, tão usada na região. Nos contatos que recentemente mantivemos com a população local, constatamos que essa situação persiste para muitas famílias.

Colhemos também dados que nos levam a crer que já houve certo avanço em relação ao problema da comercialização de hortaliças. Os intermediários, que são conhecidos como muambeiros, apanham as hortaliças que o produtor coloca em caixotes na beira da estrada, vendem as verduras na Ceasa-ES e só depois da venda é que vão ser acertadas as contas. Na época das nossas pesquisas, o muambeiro obtinha um lucro médio de 276% sobre o preço pago ao produtor e 57% dos colonos entrevistados entregavam os seus produtos a esses intermediários. Segundo informações de técnicos da EMATER, tem crescido o número de agricultores que comercializam diretamente a sua produção. Mas a instalação de um posto de arrecadação da

CEASA-ES no Município continua a ser uma importante reivindicação daquela comunidade.

Felizmente, outros graves problemas que afligiam a população local há doze anos atrás, hoje já foram resolvidos. Além da melhoria das estradas de rodagem, podemos apontar como grande progresso a instalação de uma rede telefônica, pela Telest-ES. Foram instalados postos na cidade de Santa Maria, em Garrafão, Alto Rio Posmoser, Recreio, Caramuru, estando em construção um em Rio Claro. Encontra-se em fase de projeto, a instalação de um posto em Baixo São Sebastião e outro na Usina de Rio Bonito, já tendo sido repassados os recursos da Secretaria do Interior do Estado para a Prefeitura.

Constatamos também que ainda é precário o atendimento à saúde da população. Mas a atual situação está muito distante do estado de abandono em que se encontravam os colonos no início do povoamento e mesmo até em épocas mais recentes. Segundo o depoimento do Sr. Henrique Boldt, quando um colono adoecia, recorria-se a rezas e benzimentos, transmitidos de geração em geração. Era o único recurso para as enfermidades menos graves. O médico mais próximo se encontrava no Porto de Cachoeiro. Para se chegar até lá, gastava-se, como vimos, um dia de viagem e o transporte do doente se tornava difícil e penoso. Assim, recorria-se às rezas, pois não podiam contar com chás e ervas medicinais, uma vez que desconheciam as nossas plantas. "E aqui muitos se curavam só pela fé", disse-nos Henrique Boldt.

No início do século, passaram a procurar auxílio em Santa Teresa, local de mais fácil comunicação, por se encontrar na mesma altitude. Ainda hoje, é para lá que os habitantes do Município recorrem quando necessitam de hospitalização. Segundo depoimento do Sr. Francisco Dettman, neto de imigrantes, prestado em julho do corrente ano, o pastor Henrique Vroeder que veio da Alemanha em 1906, além de dar aos colonos assistência espiritual, lecionava e prestava assistência à saúde. Consta que esse pastor e os outros que vieram posteriormente, recebiam do governo alemão orientações sobre as doenças mais comuns na região e as transmitiam à população. Mas segundo ainda o depoimento do Sr. Dettman, o número de mortes por falta de recursos médicos era enorme, sendo elevado o número de mulheres que morriam de parto.

Um posto de saúde funciona em Santa Maria de Jetibá, contando com o trabalho permanente de dois clínicos gerais. A inauguração de um hospital com trinta leitos está prevista para dezembro do corrente ano. Dois cirurgiões-dentistas já foram selecionados por concurso público e muito em breve, a população carente terá assistência dentária gratuita.

A rede escolar municipal conta com cinquenta e seis escolas, onde estão matriculados 3500 alunos. A carência de escolas, é uma das preocupações da atual administração.

Um censo escolar deverá ser realizado em setembro próximo e de acordo com os dados obtidos, serão traçadas metas para ampliação da rede escolar. Também será organizada uma campanha contra o analfabetismo.

Estamos atualmente, junto com o museólogo Sebastião Pimentel Franco, desenvolvendo um projeto para implantação do Museu dos Pomeranos na cidade de Santa Maria de Jetibá. Temos portanto, mantido freqüentes contatos com a comunidade.

de do citado Município. Não só pelas nossas observações, mas também pelo depoimento de moradores locais, constatamos que a maior parte da população rural já possui um aparelho de televisão. Assim, todos os traços culturais que, pelo isolamento geográfico, ficaram preservados por dezenas de anos, tendem a desaparecer paulatinamente.

Regina Rodrigues Hees